



“THIS IS NOT ABOUT JACKSON” *THE HELP* SOB A ÓTICA DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO

Thais Gomes dos Santos (UFAC)¹

RESUMO: *The Help* é o romance de estreia de Kathryn Stockett (2009) no qual é descrito o processo de escrita e recepção de um livro com relatos de empregadas negras que trabalham em casas de pessoas brancas na cidade de Jackson, no Mississippi, Estados Unidos da América. Neste artigo buscou-se analisar o universo de *The Help* com base nos principais contribuintes da estética da recepção, Hans Robert Jauss (1979, 1994) e Wolfgang Iser (1979, 1996), com vistas à determinação do horizonte de expectativa dos leitores de *Help*, o livro fictício, além de buscar entender como se deu a relação da obra com as personagens e demonstrar a manifestação do caráter estético. A relação de *Help* com os leitores se diferencia pelas diversas personalidades, mesmo que em sua maioria haja a rejeição do livro devido à influência de preceitos da época inerentes ao horizonte de expectativa do leitor, mas isso não influencia no prazer estético que a obra é capaz de proporcionar, afinal ainda existem os elementos propostos por Jauss e Iser para a experiência estética em *Help*, o efeito sobre o leitor e a estrutura textual. **Palavras-chave:** Horizontes de expectativa. Leitor. Prazer estético. Racismo. Literatura americana contemporânea.

Abstract: *The Help* is the starring novel of Kathryn Stockett which tells the story about a process of writing and reception of a book with stories of black maids who works at white people house in the city of Jackson, in Mississippi, United States of America. This article aims to analyse the universe described by Stockett in *The Help* relying on the main contributors of the reader-response criticism, Hans Robert Jauss and Wolfgang Iser, with the intention of determination of the horizons of expectation from the readers of *Help*, the fictitious book, in addition to try understand how happens the relationship between the work and the readers and show the manifestation of the aesthetic pleasure. The relationship of *Help* with the readers becomes different to each one because of the diversity between the personalities, even though the majority rejected the book due the influence of precepts belonging to the horizon of expectation of the reader, but this does not influence the aesthetic pleasure caused by the work, because the required elements to proportionate the aesthetic experience according to Jauss and Iser, the effect above the reader and the textual structure, is in the text.

Keywords: Horizon of expectation. Reader. Aesthetic pleasure. Racism. Contemporary american literature.

1 INTRODUÇÃO

¹ Graduada em licenciatura em letras inglês pela Universidade Federal do Acre, Cruzeiro do Sul, Brasil, thaisgomes0809@gmail.com.



The help, ou *Histórias cruzadas*, como foi chamado aqui no Brasil, é o romance de estreia de Kathryn Stockett, publicado em 2009. Mesmo com a rejeição de pelo menos 45 editoras, o livro foi publicado em 35 países e contou com críticas positivas, as quais o citavam como comovente, afetuoso, gracioso, atraente, entre outros adjetivos. Após um ano de sua publicação, *The help* chegou à marca de mais de 1 milhão de cópias vendidas, ganhando assim uma adaptação cinematográfica no ano de 2011, tendo em seu elenco estrelas como Emma Stone, Viola Davis e Octavia Spencer. Seu lançamento foi um sucesso de bilheteria e de crítica, recebeu indicações ao Oscar e ao Globo de Ouro.

The help conta a história de como Skeeter, uma moça abastada da cidade de Jackson, no Mississippi, se envolve em um processo de escrita de relatos sobre as vivências de empregadas negras na cidade durante as manifestações dos direitos civis para pessoas negras nos Estados Unidos.

A obra se passa no momento em que, após o fim da Guerra Civil estadunidense e a libertação de escravos, negros e brancos passaram a competir no mercado de trabalho, mas isso levou à intimidação de pessoas negras através de ameaças e linchamentos que tiveram como consequência a privação de direitos e segregação racial, especialmente no sul do país. A história do Mississippi, onde se passa *The Help*, é marcada pelo surgimento do Ku Klux Klan e a “era dos linchamentos”, onde a população era convidada para assistir a punições públicas que tinham motivos que iam desde acusações de crimes sérios a pífios esbarros em pessoas brancas.

Em virtude do ambiente e momento no qual a história se passa, pode-se imaginar que a escrita dos relatos não foi uma tarefa fácil, pois as empregadas tinham medo de sofrer repressões já que isso era algo que comumente ocorria. Um exemplo, é o que ocorre ao neto de uma das empregadas, Louvenia, que entrou em um banheiro branco sem perceber e acabou ficando cego após sofrer agressões:

Franny abaixa a cabeça e fala: “Sabe o que aconteceu com o neto da Louvenia Brown hoje de manhã?”

“Robert?” Eu digo “Que corta a grama?”

“Usou banheiro de branco na Pinchman Law and Garden. Dizem que não tinha nenhum aviso. Dois brancos procuraram por ele e bateram nele com uma barra de ferro.”

“Ah não. O Robert não.” (STOCKETT, 2009, tradução nossa).²

² Franny bend her head down, say, “You hear what happen to Louvenia Brown’s grandson this morning?”

“Robert?” I say. “Who do the mowing?”

“Use the white bathroom at Pinchman Lawn and Garden. Say they wasn’t a sign up saying so. Two white mens chased him and beat him with a tire iron.”



Por este motivo, Skeeter precisou do apoio primordial de Aibileen e posteriormente de Minny para começar a escrever e convencer outras mulheres a contribuírem para sua escrita. Estas três personagens compõem os núcleos principais e contribuem para a narração com seus pontos de vista, o que é importante para mostrar como se desenvolve a escrita do que se torna *Help*³, o livro fictício escrito pelas personagens em seu universo e suas consequências nos habitantes de Jackson.

Para que esta análise ocorra de forma satisfatória, foram utilizadas informações deixadas por Stockett em *The Help* que deixam claro o contexto em que as autoras criaram *Help*, e informações da vida pessoal das leitoras que têm as suas reações analisadas.

Help é um ótimo candidato a uma análise sob a ótica da estética da recepção, tendo como principais autores de base Hans Robert Jauss, representante da recepção histórica e Wolfgang Iser que busca respostas na relação individual entre leitor e literatura (COSTA, 2012, p. 1-7).

Com as informações fornecidas por *The Help*, tem-se como objetivo deste trabalho: justificar as reações das personagens Hilly Holbrook, Elizabeth Leefolt, Lou Anne e Senhorita Chotard após a leitura de *Help*, livro publicado pelas protagonistas, através de uma investigação dos horizontes de expectativas das leitoras e do livro; determinar como se deu a relação entre a obra e as personagens; e demonstrar o caráter estético da obra baseado nos conceitos dos teóricos da estética da recepção.

2 ALGUMAS ABORDAGENS SOBRE *THE HELP*

Por apresentar diversos problemas sociais como racismo, condições de trabalho de empregadas negras e apresentar o ponto de vista de pessoas menos privilegiadas, as empregadas, *The Help* acaba servindo de base para trabalhos em diversas áreas.

Jogando luz sobre o racismo, sexismo e elitismo presente na trama, Charef (2019) aborda *The Help* em seu trabalho como uma exemplificação da opressão sofrida por uma mulher. A autora observa que há uma cumplicidade na relação de Aibileen, Minnie e Skeeter

"Oh no. Not Robert".

³ Apesar de ser fictícia, *Help* receberá o mesmo tratamento de uma obra real e, portanto, o título estará em itálico.

Revista de Estudos Acadêmicos de Letras, vol. 18 nº 01 (2025): e11247

ISSN: 2358-8403

<https://doi.org/10.30681/real.v18i01.11247>



que as fazem se libertar de seus próprios medos e problemas e as engrandecem como mulheres, demonstrando assim, a teoria de Charef (2019) de que a relação de empatia que se desenvolve entre mulheres as ajuda a conseguir posições de prestígios na sociedade.

Sabendo das opressões que as mulheres sofrem, estas relações de apoio se tornam cada vez mais importantes, principalmente para estas mulheres negras, que além de carregarem o peso da opressão de gênero, também suportam a opressão de raça. É o que afirmam Dominilla, Kuncara e Valiantien (2020), que após uma análise da narração das personagens de *The Help*, chegaram à conclusão de que Minny e Aibileen passam por múltiplos tipos de opressões.

Saindo mais de questões sociais e partindo para áreas relacionadas às letras, a obra de Stockett (2009) permite ainda explorar seu texto de diversas maneiras. Um ato que chama muito atenção é a narração das empregadas. Aibileen e Minny se utilizam de muito recursos comuns de pessoas de comunidades mais populares em sua narração, e Silva (2014) se compromete a apresentar uma delas: as marcas de oralidade que são deixadas em seu texto.

Estas marcas de oralidade abrem questões sobre as variações linguísticas, campo no qual podem ser discutidas questões sociais e econômicas, e os estigmas que estão atrelados a esta forma da língua, que foge à norma culta. Além disso, por se tratar de um texto em inglês, pode-se abrir discussões referentes à tradução desta variação linguística, que não é tão comumente apresentada a estudantes da língua. Por este motivo, Petra Sládková (2013), em *Non-Standard English Varieties in Literary Translation: The Help by Kathryn Stockett*, busca explorar como tradutores tchecos lidam com a variação da língua utilizada pelas empregadas, resgatando o dialeto utilizado no sul estadunidense e da comunidade negra da localidade, comparando com a tradução feita. Seu trabalho pode servir como um orientador de como se deve fazer a tradução adequada de variações ligadas a povos, culturas e ancestralidades.

3 JAUSS E ISER: A RECEPÇÃO HISTÓRICA E A LEITURA INDIVIDUAL

Em uma narrativa ficcional, a realidade do mundo real acaba se tornando componente de uma estrutura literária. Este fenômeno é definido por Candido (1993, p. 9) como “redução estrutural”. O fato de se tornar um componente da estrutura de um texto torna essa realidade hábil a ser estudada de forma independente.



Segundo Candido (1993, p. 9), mesmo que uma obra se construa a partir da realidade, ele acaba por gerar um novo mundo, uma reprodução do que é real. Esta reprodução faz com que elementos não literários se encontrem com elementos da literatura, o que faz o texto se organizar de acordo com suas próprias regras, que independem de leis da natureza ou da sociedade. Mas, mesmo assim, estes elementos de leis que são reais são remetidos ao leitor, pois o universo literário passa a impressão de ser um universo real.

Este fenômeno ocorre em *The Help*. A obra é a reprodução de um determinado momento real e, por isso, remete ao leitor a sensação de realidade constantemente, trazendo a sensação de que *Help* é uma obra real. Além disso, a “redução estrutural”, utilizada por Candido (1993), embasa a justificativa de análise das reações à *Help* e o universo fictício apresentado em *The Help*.

Assim como em Candido (1993, p. 10), o que se interessa neste trabalho não é a produção de *Help*, e sim o seu ponto de chegada, assim como o autor coloca: “O alvo é analisar o comportamento ou o modo de ser que se manifestam dentro do texto, porque foram criados nele a partir de dados da realidade exterior” (CANDIDO, 1993, p. 10)

Durante a leitura de uma obra, o leitor assume um importante papel na produção de sentidos do que foi escrito pelo autor. O sentido criado pode variar de acordo com a formação histórica, econômica, e a relação que foi criada entre a literatura e o leitor.

Na história da teoria da literatura, não era comum que se incluísse o leitor como essa peça fundamental no processo de leitura, e quando o incluía era somente em um determinado âmbito, como, por exemplo, o marxismo que dá ênfase ao leitor enquanto ser social, ou o formalismo russo que dá ênfase ao leitor como quem distingue o texto.

Mesmo que buscasse divergir dessas concepções teóricas, Jauss (1994) bebe dessa fonte, se apropriando de contribuições para conceber a relação entre o leitor e a literatura, que vai além da interpretação, inaugurando assim a estética da recepção.

Jauss (1979, p. 46) concebe a obra literária como uma obra de arte, portanto, a primeira conexão com o leitor não pode ser pensada para que haja a interpretação de significados, mas que deve haver uma sintonia com o efeito estético.

Como dito anteriormente, a posição histórica do leitor pode influenciar em sua relação com o texto. Em virtude disso, deve-se ter em mente que há dois tipos de recepção:



De um lado, [deve-se] aclarar o processo atual em que se concretizam o efeito e o significado do texto e, de outro, reconstruir o processo histórico pelo qual o texto é sempre recebido e interpretado diferentemente, por leitores de tempos diversos. (JAUSS, 1979, p. 46)

Ou seja, a estética da recepção busca concretização da obra pelo leitor contemporâneo, assim como as diversas recepções que ocorrem em diferentes momentos da história. Jauss (1979, p. 46) tem por objetivo através destes modos comparar o efeito atual da obra com seu desenvolvimento no passar do tempo. Dessa forma, o autor apresenta os dois fundamentos do julgamento estético de uma obra, segundo a estética da recepção: o efeito e a recepção.

Depois de estabelecida a conexão criada pela leitura, as duas partes envolvidas contribuem para a concretização de sentidos. O texto oferece o efeito enquanto seu destinatário participa com a recepção, resultando na unificação dos horizontes internos da obra e o mundivivencial fornecido pelo leitor.

Os horizontes de expectativa são definidos por Ceia (2009) como “o modo como nos situamos e apreendemos o mundo a partir de um posto de vista subjetivo”, ou seja, o horizonte diz respeito a toda a bagagem de conhecimento que a obra ou o leitor carrega. Ceia (2009) complementa ainda que nossa memória literária é ativada ao entrar em contato com o texto, limitando a interpretação à estrutura que o texto impõe, mas sem deixar de lado o conhecimento de mundo do leitor. Isto explica, portanto, como a recepção de um texto pode mudar com o tempo, afinal o leitor carrega consigo muitos preceitos presentes no momento histórico em que vive: “A maneira pela qual uma obra literária, no momento histórico de sua aparição, atende, supera, decepciona ou contraria as expectativas de seu público inicial oferece-nos claramente um critério para a determinação de seu valor estético” (JAUSS, 1994, p. 31).

Assim sendo, o valor estético é medido, segundo Jauss (1994, p. 32), pela (aproveitando que o autor utiliza o termo “culinária”) digestão de uma obra. Ou seja, obras que são facilmente digeridas lançando problemas já solucionados são consideradas obras ligeiras pois não exigem mudanças de horizonte, enquanto obras de difícil digestão, que provocam estranhezas em seu público até o momento em que estas se tornam obviedades, Jauss (1994, p. 32) as considera obras-primas.

Além disso, Jauss (1979, p. 63-82) também fala sobre a função social da literatura, constituída pelas características da experiência estética: *poiesis*, *aisthesis* e *katharsis*. A *poiesis* ocorre ao fazer o leitor se sentir coautor de uma obra; a *aisthesis*, nova percepção de realidade



proporcionada pelo conhecimento adquirido através da literatura; e a *katharsis*, transformações de convicções do leitor, mobilizando-o para novas maneiras de agir e pensar sobre o mundo.

Em resumo, a estética da recepção, segundo Jauss (1994), prevê que o diálogo entre a literatura e o leitor provoque uma nova percepção de realidade que acarretará uma mudança de pensamento e de ação do leitor para com o mundo, que pode mudar de acordo com seu posicionamento histórico.

Já para Iser (1979), a estética está na realização da obra, que se dá através da leitura. Segundo o autor, durante a leitura literária, cria-se uma relação entre leitor e obra na qual aquele que lê desempenha um papel fundamental: o de encontrar significados implícitos deixados pelo autor e isso acontece exatamente durante o momento que as experiências do leitor conversam com a obra. (ISER, 1996, p. 120) Completando, Iser (1979, p. 111) fala que esta relação se estabelece quando o texto desperta o leitor para o que lhe é familiar e o situa no contexto da obra, o distanciando de si mesmo, inserindo-o em novas experiências.

Mesmo tendo essa participação principal, o texto também impõe seus limites. Para que o leitor não crie interpretações impossíveis, Iser (1996, p. 73) introduz o termo *leitor implícito*, que representa a estrutura textual, servindo como mediador da leitura; transfere para o leitor real o repertório (suas normas e estruturas) necessárias para que haja o diálogo com o repertório do leitor real (normas extraliterárias como sua bagagem cultural), criando um confronto entre os horizontes de expectativa do texto e do leitor.

Ao se deparar com as perspectivas colocadas no decorrer da obra, o leitor escolhe aquela que melhor se encaixa ao seu horizonte de expectativa, porém, quando estes se divergem, acarreta na reflexão do leitor sobre seus pontos de vista.

Enquanto Jauss (1994) percebe a recepção literária de uma forma mais ampla, incluindo contexto histórico de uma determinada sociedade, Iser (1996) aprofunda o que Jauss (1994) prevê, levando a leitura para um nível mais pessoal, explicando detalhadamente sobre o processo e relação da obra e do leitor de forma individual, contribuindo de forma excepcional para a estética da recepção.

4 O CONTEXTO DE JACKSON E SUAS REAÇÕES



Conforme dito na introdução deste trabalho, *The Help* se passa durante os protestos em favor dos direitos humanos para pessoas negras nos Estados Unidos. Estes movimentos eram uma resposta à forma como as pessoas negras estavam sendo tratadas, pois eram invisibilizadas pelo poder público.

Skeeter, Aibileen e Minny escreveram *Help* neste contexto, e sabiam que a obra não teria a mais amigável das recepções, mas o motivo da escrita era para dar voz a quem normalmente não era ouvido, mesmo que incomodasse as madames do clube de Bridge, frequentemente citadas.

Hilly Holbrook é uma das principais personagens que tem seu processo de leitura muito bem representado em *The Help*. Esta personagem possui uma postura conservadora, pretende envolver sua família na política então busca ser um modelo na sociedade de Jackson, implementando, por exemplo, o projeto sanitário que pretendia fazer com que empregados negros tivessem banheiros separados, fora das casas onde trabalhavam sob a justificativa de que eles possuíam doenças transmissíveis que colocariam as pessoas brancas em risco. Suas ideias racistas não são vistas como um problema pelas outras mulheres que a enxergam como um exemplo; na verdade, o termo “racista” nem é utilizado para descrevê-la e isso só mostra o distanciamento que existe entre os leitores de *The Help* e os leitores de *Help*.

Quando alguma pessoa age fora da linha do que Hilly acha certo, é comum que ela faça o possível para puni-lo(a), isto é mostrado em sua relação com Skeeter e Celia Foote. Então, quando surge um livro dando voz às pessoas que deveriam estar caladas, sua primeira atitude fora de raiva, e após isso, como vingança, pretendia reproduzir o mesmo comportamento tão corriqueiro da época, de punir as pessoas negras.

Entro para pegar os pratos e ouço dona Hilly dizer “Estou no capítulo sete”, e congelo, os pratos na minha mão chacoalham. Dona Leefolt me olha e torce o nariz para mim.

Mas Dona Hilly está balançando o dedo na direção da dona Leefolt. “E eu acho que você está certa, parece com Jackson”.

“Você acha?”, Dona Leefolt pergunta.

Dona Hilly se abaixa e sussurra: “Eu aposto até que a gente conheça algumas dessas empregadas negras”.

“Você acha mesmo?”, Dona Leefolt pergunta e meu corpo gela. Eu mal posso mexer meus pés de volta para a cozinha. “Eu só li um pouco...”

“Acho. E sabe o que mais?”, Dona Hilly sorri sorratamente. “Eu vou descobrir quem é cada uma delas” (STOCKETT, 2009, tradução nossa).⁴

⁴ I go in to collect they plates and I hear Miss Hilly say, “I’m up to Chapter Seven,” and I freeze, the plates in my hand clattering. Miss Leefolt look up and wrinkle her nose at me.

But Miss Hilly, she shaking her finger at Miss Leefolt. “And I think they’re right, it just feels like Jackson.”

Revista de Estudos Acadêmicos de Letras, vol. 18 n° 01 (2025): e11247

ISSN: 2358-8403

<https://doi.org/10.30681/real.v18i01.11247>



Jauss (1994, p. 31) fala que com o decorrer da leitura, podem haver mudanças no horizonte de expectativa. Pensando exatamente nas reações de Hilly, as protagonistas decidiram colocar um segredo dela, do qual sentiria vergonha se descobrissem, e Hilly, que antes tinha raiva e queria a cabeça das empregadas que contribuíram para *Help*, começou a sentir medo de ser exposta, e para isso adotou uma nova postura em relação ao livro.

Quando volto a entrar na casa, ouço todas as madames conversando na mesa. A voz da dona Hilly está alta. Coloco a orelha na porta da cozinha, tremendo de medo de sair.

“... não é Jackson. Esse livro é um lixo, isso é que é. Aposto que foi tudo inventado por alguma negra...” (STOCKETT, 2009, tradução nossa).⁵

Próximo ao fim do livro, Hilly fala com todas as palavras sua aversão ao livro, mas principalmente sente raiva por tudo o que foi dito dela, alegando ser mentira. Levando em conta o seu plano de ingressar em uma carreira política ao lado do marido, o leitor pode suspeitar que a personagem sinta medo de que sejam expostas suas ações e em especial o segredo que fora contado por Minny:

“Hilly, porque está aqui?”

“Para te contar que eu contatei meu advogado, Hibbie Goodman, que acontece de ser o especialista número um em casos de difamação em todo o estado do Mississippi, e você está num problemão mocinha. Você vai para a cadeia, sabia?”

“Não pode provar nada, Hilly.” Eu já tinha resolvido isso com o departamento jurídico da Harper & Row. Fomos cuidadosos sobre nosso sigilo.

“Bem, eu tenho cem por cento de certeza que foi você quem escreveu aquilo, porque não tem ninguém mais brega que você nessa cidade. Se juntando a esses negros.” (STOCKETT, 2009, tradução nossa).⁶

“You do?” Miss Leefolt ask.

Miss Hilly lean down and whisper. “I bet we even know some of these Nigra maids.”

“You really think so?” Miss Leefolt ask and my body go cold. I can barely move a foot toward the kitchen. “I’ve only read a little . . .”

“I do. And you know what?” Miss Hilly smile real sneaky-like. “I’m going to figure out every last one of these people.”

⁵ When I come back in, I hear all the ladies at the table talking. Miss Hilly’s voice is loud. I hold my ear to the kitchen door, dreading going out there. “—is not Jackson. This book is garbage, is what it is. I’ll bet the whole thing was made up by some Nigra—”

⁶ “Hilly, why are you here?”

“To tell you I’ve contacted my lawyer, Hibbie Goodman, who happens to be the number one expert on the libel laws in Mississippi, and you are in big trouble, Missy. You’re going to jail, you know that?”

“You can’t prove anything, Hilly.” I’ve had this discussion with the legal department of Harper & Row. We were very careful in our obscurity.

“Well, I one-hundred-percent know you wrote it because there isn’t anybody else in town as tacky as you.

Taking up with Nigras like that.”



Pensando na maneira com a qual Hilly lida com *Help*, pode-se dizer que esta personagem, por mais que detestasse a obra, pôde experimentar o prazer estético por ela proporcionado. Lembrando-se do que Jauss (1979, p. 63-82) compreende por experiência estética, podemos deduzir que sim, Hilly passou pelo processo de *poiesis*, pois pôde complementar a obra ao descobrir quais eram as empregadas envolvidas; de *aesthesis*, ao tomar o ponto de vista das empregadas, adquirindo novos conhecimentos que antes não lhe eram proporcionados. Sobre a *katharsis*, é muito comum que seja associada somente a mudanças positivas, mas e quando a mudança não é para o positivo, continua sendo *katharsis*? Sim, pois diz respeito a mudanças proporcionadas pelo conhecimento adquirido pela leitura, e quando Hilly lê o livro com relatos, fica furiosa, o que por si só já se encaixa como uma mudança proporcionada pela leitura e, posteriormente, ao ler fatos secretos sobre si mesma, pretende esconder isso, transformando-se novamente depois de mais uma leitura do texto.

Partindo da premissa de que Iser (1996, p. 111) compreende a experiência estética como a concretização da obra através da interpretação do leitor real após a troca de experiências com o leitor implícito, Hilly também demonstra ter estabelecido um bom diálogo com o texto segundo Iser (1996), pois informações novas advindas da obra chegaram ao seu conhecimento e estas se cruzaram com o seu horizonte de expectativas, fazendo-a entender que aqueles relatos eram uma afronta a tudo o que ela pregava. De certa forma, a obra, por mais que não tenha conseguido fazer Hilly se arrepender e chorar por perdão em um arco de redenção, cumpriu o seu papel principal de colocar às vistas as experiências das empregadas negras.

Por ser uma mulher de muita influência na cidade de Jackson, a opinião de Hilly acaba se refletindo na ação de outras mulheres da sua classe. No texto são dados alguns exemplos de donas de casa que receberam ordens de Hilly para que demitissem seus empregados e a maior parte acata, evitando contrariá-la, como é o exemplo da senhorita Sinclair e de Elizabeth Leefolt.

Citada brevemente, o texto não deixa claro se ela leu ou não o livro, porém, a senhorita Sinclair demitiu sua empregada a mando de Hilly sem nem mesmo se questionar: “– Ela falou para a dona Sinclair demitir a Anabelle. Então a dona Sinclair demitiu e jogou fora as chaves do carro dela porque ajudou a comprar. Anabelle já devolveu mais da metade do dinheiro, mas agora perdeu tudo.” (STOCKETT, 2009, tradução nossa).



Já a senhorita Leefolt, chefe de uma das personagens principais, Aibeleen, é mostrada como uma personagem que não se reconheceu no texto que contava com passagens de sua própria vida:

Dona Leefolt suspirou como se estivesse aliviada. Por um segundo nossos olhos se encontraram e eu pude ver que a dona Hilly estava certa. Dona Leefolt não tinha ideia que o Capítulo Dois era sobre ela. Mesmo que ela tivesse uma pista, nunca admitiria para si mesma que era ela. (STOCKETT, 2009, tradução nossa).⁷

Desde o princípio, Elizabeth Leefolt foi descrita pela sua empregada como alguém alheio à própria vida. Suas preocupações parecem envolver somente suas amigas, especialmente Hilly, enquanto assuntos que envolvam sua filha são colocados em segundo lugar. Ao descrever a vida de sua chefe, Aibeleen dá a entender que tudo que Elizabeth faz é para seguir os passos de Hilly e inclui até mesmo a maternidade nesse pacote. Em certo momento a empregada fala que sem Hilly, Elizabeth parece uma barata tonta, até mesmo seu processo de leitura é influenciado por Hilly.

Aibeleen começa a narrar sobre a leitura de Elizabeth no início do capítulo 31 e, ao que parece, a personagem não estava tão interessada assim, pois sua leitura estava bem lenta. Mas, após um jantar com Hilly onde ela comenta seu interesse na obra, ao chegar no trabalho na manhã seguinte, Aibeleen se depara com a patroa andando por todos os lados da casa lendo o livro.

Na manhã seguinte estou quase hiperventilando no ônibus pensando sobre o que a dona Hilly vai fazer quando chegar na parte dela, imaginando se a dona Leefolt já leu o capítulo dois. E quando coloco os pés dentro de casa, lá está a dona Leefolt lendo meu livro na mesa da cozinha. Ela segura o homenzinho no colo sem nem tirar os olhos da página. Então ela caminha para trás, lendo e caminhando ao mesmo tempo. De repente ela não se cansa disso agora que a dona Hilly ficou interessada no livro. (STOCKETT, 2009, tradução nossa).⁸

Enquanto o leitor é agarrado pela narrativa de Aibeleen, a impressão que vai se construindo de Elizabeth Leefolt é de que ela não parece mais do que uma extensão de Hilly,

⁷ Miss Leefolt sigh like she relieved. For a second, our eyes meet and I can see that Miss Hilly was right. Miss Leefolt ain't got no idea Chapter Two is her. Even if she had a hint of it, she'd never admit to herself that was her.

⁸ The next morning, I'm near about hyperventilating at the bus stop thinking about what Miss Hilly gone do when she get to her part, wondering if Miss Leefolt done read Chapter Two yet. And when I walk in her house, there Miss Leefolt is reading my book at the kitchen table. She hand me Li'l Man from her lap without even taking her eyes off the page. Then she wander off to the back reading and walking at the same time. All a sudden, she can't get enough of it now that Miss Hilly done taken a interest in it.



mas ao mesmo tempo parece que ela não pensa como a amiga. Na verdade, o que se pode sentir é que ela não pensa e apenas segue em piloto automático refletindo a imagem do que seria, na sua concepção, uma mulher de sucesso de acordo com a definição da época.

De acordo com pequenas informações deixadas no texto, pode-se supor que Elizabeth não seja tão rica quanto suas amigas e, para que continue pertencendo a alta sociedade, ela adota o que é chamado em análise do Shmoop (s.d.) de “lealdade de cachorrinho” a sua amiga Hilly e por isso já age no automático buscando somente a aprovação da amiga.

Por ver o mundo de uma forma como Hilly veria, Elizabeth não absorve o texto em sua totalidade. Ela não se vê como uma mãe ruim, nem como um cachorrinho leal a sua melhor amiga, portanto, não se vê no texto de forma que a atinja diretamente.

Mesmo descrevendo móveis da casa de Elizabeth, como quando Hilly cita que em *Help* a mesa de jantar da amiga é descrita incluindo a mesma falha na madeira, Elizabeth não acredita que é dela que estão falando no livro. Isto é o suficiente para definir que ela pode não ter absorvido o que leu nem ter tido uma experiência estética?

Em uma análise sobre Elizabeth do site Shmoop (s.d.), é dito que a personagem, ao fim de *The Help*, por mais que tenha demitido Aibileen a mando de sua amiga, pede desculpas e ralha com Hilly por acusar a empregada de roubo. A análise diz que é uma pequena atitude contra a amiga que pode significar a abertura de seus olhos, aos poucos, para se livrar de ser apenas uma sobra de Hilly, pois antes esta atitude não seria nem mesmo considerada.

Agora concentraremos nossas atenções sobre reações destoantes das que foram comentadas até o momento: as personagens Lou Anne e senhorita Chotard. Em ambos os casos a reação ao livro não foi negativa, porém a construção da relação de leitura se deu da mesma maneira das anteriores.

The Help possui um desbalanceamento ao demonstrar as reações. As que são principalmente mostradas são as negativas e quase não são encontradas informações sobre as personagens que tiveram reações positivas. Uma interpretação é que, sendo proposital ou não, este recurso deixa claro que o racismo estava muito bem entranhado na sociedade representada no livro. Pensando no fato de que o livro se volta especificamente para as mulheres, pode-se dizer que a sociedade de onde *Help* saiu estava infestada de Hillys.

Apesar de Lou Anne pertencer ao clube e seguir Hilly fielmente, durante um diálogo com Skeeter ela fala das impressões que o livro deixou nela, evidenciando que gostou do que leu, especialmente do que foi escrito pela sua empregada.



“Skeeter, Louvenia...” Lou Anne me olha nos olhos e fala “ela é a única razão pela qual eu saio da cama às vezes.”

Não falo nada, talvez seja alguma armadilha feita por Hilly.

“E eu sei que você pensa que eu sou só uma garota boba... que eu concordo com tudo o que Hilly diz” Lágrimas caem dos seus olhos. Seus lábios estão tremendo. “O doutor quer que eu vá pra Memphis pra... tratamento de choque...” Ela cobre o rosto, mas uma lágrima escapa por entre seus dedos. “Por causa da depressão e as... as tentativas” sussurra.

Olho para suas mangas longas e imagino o que ela está escondendo. E espero estar errada, mas acabo estremeando.

“Claro, Henry disse que eu preciso melhorar ou então desistir.” Ela se movimenta como se estivesse marchando, tenta sorrir, mas acaba falhando e a tristeza volta para o seu rosto. “Skeeter, Louvenia é a pessoa mais forte que conheço. Mesmo com todos os seus problemas, ela senta para conversar comigo. Me ajuda a passar pelos meus dias. Quando eu leio o que disse sobre mim, sobre ajudá-la com o neto, eu sinto que nunca fui mais grata em toda a minha vida. Foi o melhor que vivi em meses.” (STOCKETT, 2009, tradução nossa).⁹

Lou Anne não fala com todas as letras, mas claramente sofre de algum distúrbio que a faz ter tendências suicidas. Ela não fala do livro por completo, mas especificamente do relato de sua empregada e do quanto isso pode ajudá-la a continuar vivendo, pois Louvenia somente citou coisas boas.

Seguindo em mais uma reação positiva ao livro, podemos citar senhorita Chotard, que não recebe nenhuma citação antes da menção a sua reação. Na ocasião as duas narradoras negras, Minny e Aibileen, estão conversando sobre como Hilly está movendo a cidade tentando demitir o máximo de empregadas negras e como isso as está aterrorizando, até que acontece de citarem um exemplo de algo bom que acabou acontecendo em decorrência da escrita do livro.

Ela me olha e coloca a mão na barriga, que apareceu nas últimas duas semanas. “Sabe a dona Chotard, patroa da Willie Mae? Ela perguntou ontem se trata ela mal igual a mulher malvada do livro.” Minny deu um pequeno suspiro. “Willie Mae disse que ela pode melhorar, mas que não é tão ruim.”

⁹“Skeeter, Louvenia ...” Lou Anne looks me in the eye, says, “she’s the only reason I can get out of bed sometimes.”

I don’t say anything. Maybe this is a trap Hilly’s set.

“And I’m sure you think I’m just some dumb girl ... that I agree with everything Hilly says.” Tears come up in her eyes. Her lips are trembling. “The doctors want me to go up to Memphis for ... shock treatment ...” She covers her face but a tear slips through her fingers. “For the depression and the ... the tries,” she whispers.

I look down at her long sleeves and I wonder if that’s what she’s been hiding. I hope I’m not right, but I shudder.

“Of course, Henry says I need to shape up or ship out.” She makes a marching motion, trying to smile, but it falls quickly and the sadness flickers back into her face.

“Skeeter, Louvenia is the bravest person I know. Even with all her own troubles, she sits down and talks to me. She helps me get through my days. When I read what she wrote about me, about helping her with her grandson, I’ve never been so grateful in my life. It was the best I’d felt in months.”



“Ela perguntou isso mesmo?”

“Aí a Willie Mae contou para ela tudo o que as outras mulheres brancas fizeram com ela, coisa boa e coisa ruim, e a patroa a ouviu. Willie Mae disse que tem trinta e sete anos que trabalha lá e era a primeira vez que as duas se sentaram juntas à mesa” (STOCKETT, 2009, tradução nossa).¹⁰

A ação de dona Chotard foi um tanto quanto inesperada e o que pode se sentir dada a surpresa das suas narradoras é que nem mesmo elas esperavam essa reação. Isto mostra que ler as experiências que não estão ligadas às mulheres brancas pode ter gerado muitas reações furiosas, mas também pode abrir janelas para novas possibilidades, como algo que nunca tinha acontecido antes, que é apenas sentar e ouvir as experiências que a pessoa que trabalha na sua casa há anos possa ter passado.

Em uma análise feita pela Shmoop (2008), as perspectivas com relação a reação da senhora Chotard são positivas e fala que os relatos de *Help* podem dar abertura para diálogos que podem resultar em melhores condições de trabalho para as empregadas e mais respeito para a comunidade afro de Jackson no geral. E isso mostra como a leitura, através das suas relações com o leitor, pode levar a atitudes empáticas por relacionar suas vivências a vivências de outros.

5 CONCLUSÃO

O momento histórico influencia de forma significativa na interpretação de uma obra, pois os conceitos do que é certo e moral podem mudar com o passar do tempo. Como observado a respeito de Stockett (2009), nem mesmo utilizar o termo “racista” em sua obra para se referir às condutas de Hilly é adequado, pois provavelmente não era tão comum usá-lo, especialmente com conotação negativa considerando o contexto no qual *Help* fora concebido. Desta forma, se torna compreensível a rejeição do livro das personagens pela sociedade de Jackson.

Mas, apesar da rejeição, *Help* fora capaz de proporcionar o prazer estético definido por Jauss (1979, 1994) e Iser (1979, 1996), que consistia na interpretação através do cruzamento

¹⁰ She looks at me, puts her hand on her tummy that’s popped out in the last two weeks. “You know Miss Chotard, who Willie Mae wait on? She ask Willie Mae yesterday if she treats her bad as that awful lady in the book.” Minny kind a snort. “Willie Mae tell her she got some room to grow but she ain’t too bad.”

“She really ask her that?”

“Then Willie Mae tell her what all the other white ladies done to her, the good and the bad, and that white lady listen to her. Willie May say she been there thirty-seven years and it’s the first time they ever sat at the same table together.”



dos horizontes de expectativa do livro e do leitor, proporcionando assim uma nova conduta com o novo conhecimento adquirido. Como exemplo, foi utilizada a experiência da leitura de Hilly Holbrook, que mesmo detestando o livro, se envolveu tanto na leitura que demonstrou uma postura diferente sobre as narrativas das empregadas duas vezes.

Esperamos ter contribuído com a estética da recepção apresentando a análise de uma obra fictícia. Por consequência, *Help* também se situa em um universo igualmente imaginário, o que acarretou em algumas limitações, como a falta de informações a respeito de alguns personagens.

Por outro lado, esta falta de informações e, em especial, a falta de reações por parte das empregadas que provavelmente também leram o livro abre questões sobre o porquê se deu essa falta; afinal de contas seria interessante um comparativo da visão das empregadas com as patroas. Ao mesmo tempo, o silêncio por parte das empregadas negras pode ser interpretado como um reflexo sobre como esta classe era e ainda é tratada.

Referências

ALEGRETTI, Lais. Racismo no Brasil: todo mundo sabe que existe, mas ninguém acha que é racista, diz Djamila Ribeiro. **BBC News Brasil**, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52922015>. Acesso em 01 fev. 2023.

BERMUDEZ, Ángel. A história brutal e quase esquecida da era de linchamentos de negros nos EUA. **BBC News Brasil**, 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43915363>. Acesso em 01 fev. 2023.

CANDIDO, Antonio. **O discurso e a cidade**. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

CEIA, Carlos. **Horizonte de expectativas (Erwartungshorizont)**. 27 dez. 2009. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/horizonte-de-expectativas-erwartungshorizont>. Acesso em: 12 mar. 2023

CHAREF, Zineb. **Female empowerment in The Help by Katheryn Stockett**. 2019. Dissertação (Mestrado), Universidade de Guelma, Guelma, Algeria, 2019. Acesso em: 03 mar. 2023.

COSTA, Márcia Hávila Mocci da Silva. **A estética da recepção e a teoria do efeito**. Curitiba: SEED, 2012. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/mydownloads_01/singlefile.php?cid=44&lid=4787. Acesso em 26 out. 2022.



DOMINILLA, Abigail Flavia; KUNCARA, Singgih Daru; VALIANTTIEN, Nita Maya. The oppression towards black female characters as maid in *The Help* novel by Kathryn Stockett. **Ilmu Budaya: Jurnal Bahasa, Sastra, Seni dan Budaya**, v. 4, n. 4, p. 662-673, out. 2020. Disponível em: <https://e-journals.unmul.ac.id/index.php/JBSSB/article/view/3152>. Acesso em 03 mar. 2023

ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor *In*: LIMA, Luiz Costa. **A literatura e o leitor**: textos da estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 83-132.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. São Paulo: Editora 34, 1996.

JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção: colocações gerais. O prazer estético e as experiências fundamentais da *poiesis*, *aisthesis* e *katharsis*. In: LIMA, Luiz Costa. **A literatura e o leitor**: textos da estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.

PINTO, Walber. **Saiba o que é racismo estrutural e como ele se organiza no Brasil**. 20 nov. 2020. Disponível em: <https://www.cut.org.br/noticias/saiba-o-que-e-racismo-estrutural-e-como-ele-se-orga1niza-no-brasil-0a7d>. Acesso em: 01 fev. 2023.

SHMOOP UNIVERSITY. **The Help What's Up With the Title?**. 11 nov. 2008. Disponível em: <https://www.shmoop.com/the-help/title.html>. Acesso em: 08 fev. 2023.

SHMOOP UNIVERSITY. **Elizabeth Leefolt in The Help**. s.d. Disponível em: <https://www.shmoop.com/study-guides/literature/the-help/elizabeth-leefolt>. Acesso em 28 fev. 2023.

SILVA, Sandro Luis da. A oralidade no texto escrito: a resposta, Kathryn Stockett em foco. **Revista Todas as Musas**, São Bernardo do Campo, ano 5, n. 02, jan./jun. 2014. Disponível em: https://www.todasasmusas.com.br/10Sandro_Luis.pdf. Acesso em 3 mar. 2023.

SLÁDKOVÁ, Petra. **Non-standard english varieties in literary translation**: The Help by Kathryn Stockett. Tese (Mestrado em Tradução de Língua Inglesa). Brno, República Tcheca: Masaryk University, 2013. Disponível em: https://is.muni.cz/th/261866/ff_m/Sladkova_Diploma_Thesis.pdf. Acesso em: 03 mar. 2023

STOCKETT, Kathryn. **The Help**. New York: Berkley, 2009.